

PÁGINAS AMARELAS



Por **António Mega Ferreira**

De mão pensada

Os admiradores da prosa rigorosa, disciplinada, talvez por isso escassa, de José Cardoso Pires têm com que se alegrar. O autor acaba de dar à estampa, num curto espaço de tempo, três originais, qual deles o mais característico da sua relação com a escrita e com o mundo, o seu, que ele, habilmente (mas é processo de escrita) faz parecer o de toda a gente.

O seu «De profundis» constitui um extraordinário exercício de contenção e de distanciamento, narrando, com minúcia quase clínica, um estado pessoal que pode ser lido como metáfora da «perda de sentido», nunca resvalando para o declive auto-complacente em que se afogam normalmente os récits de um desastre de saúde («coitado do Álvaro de Campos, que tem tanta pena de si próprio»). A curta narrativa pode ser ainda vista como ensaio de auto-disciplina literária, por parte de um escritor que não vê a escrita como «tradução» automática de emoções ou sentimentos, mas uma prática de navegação rumo ao inimaginável, «uma vez que um comandante de mão pensada é capaz de levar o navio até ao cume de uma montanha».

A imagem é dele, vem a páginas 16 do texto inédito com que contribuiu para a colecção 98 Mares (edição Expo'98), intitulado «Viagem à ilha de Satanás». A curta narrativa seria conradiana se não

fosse buñuelesca, com o seu cortejo de impossibilidades sonhadas por dentro de um outro sonho, o do nascimento de uma ilha que é fronteira e lugar de uma nova utopia, rapidamente desfeita.

Enfim, o terceiro texto aborda a utopia perfeita, ao menos literariamente. Em «Lisboa, Livro de Bordo», José Cardoso Pires traça o mais sentido, apaixonado e penetrante retrato da cidade miticamente fundada por Ulisses (mas é lícito acreditar que o intrépido navegador tenha aqui encontrado a «enseada amena» dos seus anseios). O autor vê Lisboa como «uma cidade de navegar» – e com isso abre o seu texto, em página fulgurante que é das mais belas que foram escritas sobre a cidade que amamos.

Depois, «comandante de mão pensada», vai-se internando no corpo quente da urbe, explorando-lhe os recessos populares, a alma antiquíssima que parece imutável, as artérias novas que lhe definem um novo perfil, os sinais da imaginação humana que fazem de Lisboa, aos olhos do navegador, um museu a céu aberto, galeria de fachadas, tipos, vozes e cantos, pavimento de desgraças e exaltações dos sentidos, engenho de um povo «que junta na mesma cama o pecado e a virtude».

A exiguidade do espaço obriga-me a ficar por aqui. Mas, também, que mais poderia eu dizer que não se leia nos textos admiráveis de José Cardoso Pires ? ■